

Jornal-laboratório Pé no chão: protagonismos da sala de aula para rua¹

Andrew Amaurick Pires²

Ana Paula Macedo Mourad³

Lawrenberg Advíncula da Silva⁴

Gibran Luís Lachowski⁵

Eduardo Luís Mathias Medeiros⁶

Iuri Barbosa GOMES⁷

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT.

RESUMO

Pé no Chão é um projeto de jornal-laboratório desenvolvido nas disciplinas de Reportagem e Redação, Planejamento Gráfico, Fotorjornalismo e Oficinas de Redação, do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat. Trata-se de um jornal tablóide voltado para a cobertura de assuntos de relevância social e utilidade pública na pequena cidade de Alto Araguaia e região, a partir de um jornalismo mais cidadão e humanizado. O objetivo é conscientizar a comunidade local e todos os envolvidos no processo sobre a importância do bom jornalismo de rua enquanto instrumento de transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Jornal-laboratório; Pé no chão; Alto Araguaia.

1 Uma discussão inicial sobre o bom jornalismo (introdução)

“Mais valem cinco boas histórias por dia – inéditas, bem apuradas, bem escritas, inteligentemente editadas e capazes de capturar a atenção dos leitores – do que centenas de notícias reunidas às pressas e sem maiores critérios”. (NOBLAT, 2008: 152)

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal-laboratório.

² Aluno-líder. Estudante do 3º semestre do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: andrewamaurick@gmail.com.

³ Estudante do 8º semestre de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: anamacedo.mourad@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Ms. do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: lawrenberg@gmail.com.

⁵ Co-Orientador do trabalho. Professor Ms. do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: prof.gibranluis@gmail.com.

⁶ Co-Orientador do trabalho. Professor Ms. do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: du_medeiros@msn.com.

⁷ Co-Orientador do trabalho. Professor Ms. do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: i.b.gomes@gmail.com.

A inquietação acima do jornalista Noblat reflete sobre a atual crise do jornalismo impresso: precarização da produção e queda gradual de qualidade da apuração e da própria credibilidade das notícias. Entretanto, o problema não se resume apenas na imagem social da prática jornalista para seus leitores, mas afeta a sua própria identidade, na condição de intermediadora do interesse público. Diríamos que remonta outras épocas, mais especificamente a década de 1950, quando um jovem repórter, considerado por seus pares como ousado e visionário, chamado Audálio Dantas defendia em seus posicionamentos públicos que lugar de repórter era na rua.

A ilação prosaica de Dantas sobre a prática profissional seria o suficientemente pertinente para engendrar nas gerações futuras uma grande reflexão em relação ao futuro da profissão em tempos de mercantilização do capital intelectual. Afinal, ele não apontava uma crise somente associada ao papel exercido pelos profissionais jornalistas em sua interlocução com a sociedade, mas também sobre os possíveis caminhos para recuperar o bom jornalismo, caracterizado por narrativas densas, emocionantes e comprometidas com um retrato imparcial de mundo, isto é, liberto a todo tipo de pressão (comercial, religiosa, política, social, familiar).

E talvez um dos maiores representantes de Dantas seja o jornalista Ricardo Kotscho quando o mesmo, em seu livro “A prática da reportagem”, afirma também que lugar de repórter (com pauta ou sem pauta) é na rua, pois é lá que as coisas acontecem e a vida se transforma em notícia/reportagem. Além disso, destaca que o objetivo da matéria é fazer com que o repórter cumpra sua função principal: colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo.

Ciente destes valores e pressupostos, o projeto do jornal Pé no Chão nasce sob o intuito de resgatar o “bom e velho jornalismo de rua” no interior de Mato Grosso e, ao mesmo tempo, contribuir enquanto mecanismo pedagógico para a formação profissional dos alunos do curso de Jornalismo da pequena cidade de Alto Araguaia, ao propiciar experiência de apuração e incursão jornalística, redação, edição e distribuição do jornal; tudo atrelado a um olhar voltado ao ambiente local, o que corresponde dar conta de demandas noticiosas na cidade e seu entorno, hoje constituído pelas cidades de Alto Taquari e Alto Garças (MT), e Santa Rita do Araguaia (GO), todas situadas num raio de 70 quilômetros.

Como o jornal começou a ser planejado em setembro de 2014 e teve publicação em dezembro, já no fim do semestre, os conteúdos tiveram que ser um misto de: 1) “material

quente”, para garantir a novidade da produção impressa, 2) “frio”, para assegurar que não houvesse percibilidade e, principalmente, 3) “próprio”, para ampliar o caráter noticioso, agregando elementos como originalidade e autenticidade, posto que, assim, destacaria, também, o olhar e a angulação do repórter.

Também é necessário registrar que o jornal laboratório, que teve sua retomada após praticamente três anos, foi financiado com dinheiro dos professores envolvidos no processo de concepção, planejamento e orientação e, por sua conotação local, arraigada ao discurso e à prática de que o “jornalismo de/na rua” deve seguir mais vivo do que nunca, com repórteres em contato direto com pessoas e situações. O que justifica o nome “Pé no chão”.

A cotização entre os docentes permitiu a produção de um impresso com oito páginas coloridas, tabloide, que valorizou principalmente o gênero jornalístico informativo (notícia), tendo uma reportagem (manchete), um ensaio fotográfico e os costumeiros elementos do gênero opinativo (editorial, charge e artigo).

Auxiliaram no processo de construção do periódico conhecimentos apreendidos nas disciplinas de Planejamento Gráfico, Técnicas de Redação Jornalística, Reportagem, Redação e Entrevista I, Oficinas de Texto, Jornalismo Ambiental e Fotojornalismo.

2 Objetivo do jornal-laboratório

O objetivo é fazer do jornal um instrumento pedagógico e cidadão, conscientizando a comunidade local e os envolvidos no processo sobre a importância do bom jornalismo de rua enquanto instrumento de transformação social. O que, na prática, apresenta-se na contramão do jornalismo subserviente ao capital empresarial e ao interesse partidário.

3 Por que fazer reportagem com fontes não-oficiais?

Depois de experiências pouco exitosas de jornal na cidade de Alto Araguaia, vide Folha do Araguaia e Comtexto, e da falta de isenção jornalística dos veículos locais (TV integração e rádio Aurora), a retomada de um jornal-laboratório pelo curso de Jornalismo mostra-se de grande valia para a manutenção na população local do direito à informação de qualidade e independente. Afinal, como afirma a jornalista Márcia Franz Amaral (2006, p.124):

Os jornais são um importante meio de mostrar a sociedade como essas pessoas podem ser elevadas a condição de cidadãos [...]. É preciso tomar cuidado para que as matérias não reforcem a exclusão ou marginalização, nem culpe as pessoas pela sua miséria ou pobreza. (AMARAL, 2006, p.124)

4 Métodos e técnicas utilizadas na produção do jornal-laboratório

Ao definir o planejamento de ações para a produção do Pé no Chão, tomamos como base conceitual o jornalista Dirceu Lopes e sua definição de jornal-laboratório, quando afirma que:

É fundamental que um jornal-laboratório seja dirigido a uma determinada comunidade para ter um público definido e ser um veículo com todas as características de um jornal profissional. Uma publicação que leve a comunidade a tomar consciência dos seus problemas e a organizar-se para resolvê-los. Dessa forma, o estudante de Jornalismo poderá ser realmente habilitado para o mercado de trabalho. (LOPES, 1989: 16)

O jornal-laboratório enquanto ferramenta pedagógica não pode reproduzir a mesma retórica técnica e mercadológica do mercado, mas ser responsável por inovações tanto na prática quanto no pensamento do fazer jornalístico. Refletindo nisso, os acadêmicos buscaram nas reuniões um projeto de jornal que atendesse tanto as demandas pedagógicas quanto as externas (cidade), deixando evidente no processo de produção das reportagens a necessidade de “entrar de cabeça” em um assunto. Isto porque, segundo Ricardo Kotscho (2003), se por um lado a pauta serve para organizar e planejar melhor a notícia/reportagem, por outro, levou à acomodação do repórter, que aos poucos foi se tornando uma figura passiva no processo.

Para a produção de Pé no Chão houve quatro etapas. A primeira de reunião, a segunda de incursão jornalística, a terceira de redação/edição e quarta e última de impressão. Durante todas elas as discussões foram conduzidas e supervisionadas pelos professores das disciplinas de Técnicas de Entrevista e Reportagem, Reportagem I e II, Produção de texto, Fotojornalismo, Ética no jornalismo, Planejamento Gráfico e Design.

Quando iniciaram as incursões da reportagem, procuramos fazer observações e entrevistas amparados pelos procedimentos éticos e técnicos necessários para os bons jornalistas. Elaboramos um roteiro de incursão, detalhando locais e estratégias, de modo a produzir histórias com bom relato jornalístico.

De acordo com a jornalista Márcia Amaral (2006, p.125), “a humanização do relato jornalístico é fundamental, desde que a história seja contextualizada. O desafio dos jornalistas é tratar da condição humana e colocar as pessoas em primeiro lugar, sem desligá-las do aparato social”.

Na etapa de redação, tivemos o acompanhamento dos professores de Redação e Oficinas de texto, tendo por base as instruções técnicas de redação jornalística do Manual da Folha de São Paulo. A maioria do material foi reportagem, mas também houve artigos e notas.

Para a diagramação, optamos pelo software adobe Indesign, que possibilita o desenho de páginas, a paginação delas e distribuição equilibrada de textos e imagens. Também utilizamos o adobe Photoshop para o tratamento das imagens, além do corel draw X6 para o desenvolvimento do logotipo do jornal.

Imprimimos o jornal numa gráfica da cidade de Rondonópolis, no formato offset. O processo durou 4 dias. Depois fizemos a distribuição na região nas cidades de: Alto Araguaia, Alto Taquari e Alto Garças, todas de Mato Grosso, e Santa Rita do Araguaia, Goiás; além do envio de exemplares para outras cidades da região.

5 O jornal laboratório Pé no Chão

Quando se decidiu pelo nome Pé no Chão, todos os envolvidos sabiam que a tarefa seria árdua. Afinal de contas, trabalhar com o jornalismo de rua e na rua no interior de Mato Grosso, conhecido nacionalmente pela censura de empresários do agronegócio e de antigos coronéis políticos, exige saberes táticos, que, de forma direta ou indiretamente, são incorporados na vida profissional e, principalmente, como novos conceitos na formação acadêmica. Podemos dizer que a iniciativa foi alicerçada pela experiência de jornais experimentais anteriores, entre eles: Paredão (2009) e Jornaia (2011 e 2012). O que, de fato, reitera o compromisso editorial de uma agenda aberta e diferentemente das capitaneadas pelas mídias hegemônicas.

Sobre as agendas hegemônicas na mídia, o professor e jornalista José Marques de Melo é enfático, quando as define como:

Jornalismo dirigido aos bolsões privilegiados da sociedade, ou seja, aos cidadãos de bem pensantes e bem nutridos, situados nos patamares superiores da pirâmide social. Pela temática, linguagem e estilo, exclui

automaticamente os contingentes destituídos de capacidade aquisitiva, apetência informativa e competência cognitiva. (MELO, 2009: 52)

Ao todo, Pé no Chão teve 6 seções: Opinião, Dia a dia, Economia, Destaque, Regional e em Foco.

Na seção Opinião (página 2), há um artigo redigido pelo professor Rafael Marques, intitulado Equilibrando as possibilidades, uma Opinião Ilustrada sobre conectividade entre os jovens da geração Y, além do editorial e o expediente. Nela, pudemos compreender os meandros do jornalismo opinativo.

Na seção Dia a Dia (página 3), o Jornal traz uma matéria realizada pelo acadêmico Andrew Amaurick, sobre o atual estado da Biblioteca municipal da cidade, que está com toda a sua parte estrutural comprometida.

Na seção Economia (página 4) há uma matéria realizada pela acadêmica Ana Paula Macedo, “Combate a pragas eleva preços de legumes e verduras”, mostra que com o início das chuvas nas regiões produtoras o custo da produção seguia uma tendência de alta.

Na seção Destaque (página 5) a acadêmica Cassiane Mews, traz o destaque da edição: Tempo de trajeto dobra por causa das chuvas. Percurso entre a cidade de Alto Araguaia e Alto Taquari passou de 50 minutos para 1h40. O aumento de buracos na estrada intensificou o perigo de acidentes.

Na seção regional (página 6) há uma matéria redigida por Aline dos Anjos, intitulada: População sofre com falta de infraestrutura da PM, nela a acadêmica aborda as dificuldades dos moradores de Santa Rita do Araguaia que contam com apenas sete policiais para atender a demanda de 7,7 mil habitantes.

Na seção Em Foco (página 7) o jornal traz uma página dedicada às imagens produzidas em atividades práticas das aulas de Linguagem Fotográfica e Fotojornalismo.

Participaram das reportagens os alunos: Andrew Amaurick Pires, Aparecido Marden, Ana Paula Macedo, Aline dos Anjos, Cassiane Mews, Laura Cristina, Ronaldo Divino Borges, Brenda Carvalho.



Capa do jornal. Na manchete principal, **Chuvvas aumentam buracos na MT-100 e dobram tempo entre Alto Araguaia e Alto Taquari**, empregamos uma fotografia (paisagem) sobre o estado da rodovia, um chapéu com tarja vermelha (Transtornos), além de olho com trecho da reportagem, na página 5. Na diagramação, esta estratégia é denominada de disposição horizontal, considerando que o leitor será induzido a ler da esquerda para a direita da página. Abaixo, há três manchetes secundárias, com destaques à economia (do consumidor), meio ambiente e segurança pública. E no rodapé há uma referência ao ensaio fotográfico, publicado na última página (8).

6 Considerações finais

Fazer um jornal-laboratório não implica somente colocar mais um jornal em circulação, visando gratificações em uma disciplina X ou Y. O processo em si demanda entrega, sacrifícios e a compreensão da responsabilidade e do tipo de protagonismo a ser exercido pelos participantes. No projeto Pé no Chão, alunos e professores perceberam que na concepção do jornal havia a possibilidade de um debate mais aprofundado sobre a prática jornalística no interior de Mato Grosso, considerando que, apesar das limitações de infraestrutura tecnológica dos cursos da área no interior do estado, é possível pensar um jornalismo altamente reflexivo sobre o lugar-comum do jornalista nas sociedades contemporâneas.

Mais do que formatar focas habilitados para o saber-fazer das grandes redações, a experiência Pé no Chão prospectou o desejo de transformar a realidade, cientes de que o papel de um jornal perpassa o de apenas um produto do mercado editorial, ao se tornar instrumento pedagógico para avaliar a formação profissional, o modelo de democracia adotado e a contribuição da universidade numa cidade como Alto Araguaia, por exemplo.

Para concluir, os envolvidos puderam aprender, ainda que introdutoriamente, os dilemas da rotina jornalística, a importância da objetividade, firmeza, audácia, astúcia e sentimento no modo como desenvolver reportagem. O que, segundo Kotscho (2003), pode ser explicado como ferramentas de ofício do bom repórter. Pois: “O repórter que não for

capaz de se emocionar, de chorar e se alegrar junto com os personagens de quem fala, jamais conseguirá transmitir ao leitor a realidade que encontrou". (KOTSCHO, 2003: 58)

Referências

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66 – A história da polícia que mata**. São Paulo: Record, 2003.

BRUM, Eliane. **O Olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**. São Paulo: Contexto, 2009.

COLLARO, Antônio Celso. **Produção gráfica: arte e técnicas na direção da arte**. 2. ed. São Paulo: Person Prentice Hall,, 2012.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem**. São Paulo: Leya, 2012.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 2003.

LOPES, Dirceu Fernando. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

MELO, José Marques de. **Jornalismo, forma e conteúdo**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008.

REVISTA, Piauí_81. Ano 7. Edição Junho de 20013.